

SERMÕES: DO PRIMEIRO
DOMINGO DO ADVENTO AO
TERCEIRO DOMINGO DEPOIS
DA OITAVA DA EPIFANIA

VOL. 3

Coleção CLÁSSICOS DO CRISTIANISMO

1. *História de uma alma*, Santa Teresinha
2. *Cartas completas*, Santa Catarina de Sena
3. *Obras completas*, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face
4. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*,
São Luís Maria Grignon de Montfort
5. *Revelações do amor divino*, Juliana De Norwih
6. *Diário*, Santa Gemma Galgani
- 7/1. *Sermões: do Primeiro Domingo do Advento à Sexta-Feira Santa (vol. 1)*,
São João Maria Vianney, o Cura d'Ars
- 7/2. *Sermões: do Domingo de Quasimodo ao XI Domingo de Pentecostes (vol. 2)*,
São João Maria Vianney, o Cura d'Ars
- 7/3. *Sermões: do XII ao XXIII Domingo depois de Pentecostes (vol. 3)*,
São João Maria Vianney, o Cura d'Ars
- 8/1. *Castelo interior ou moradas*, Santa Teresa de Jesus
- 8/2. *Livro da vida*, Santa Teresa de Jesus
- 8/3. *Caminho de perfeição*, Santa Teresa de Jesus
9. *As orações*, Santa Catarina de Sena
10. *Obras completas*, São Luís Maria Grignon de Montfort
11. *O diálogo*, Santa Catarina de Sena
- 12/1. *Sermões: do Domingo da Septuagésima a Pentecostes (vol. 1)*, Santo Antônio de Pádua
- 12/2. *Sermões: Domingos depois de Pentecostes (vol. 2)*, Santo Antônio de Pádua
- 12/3. *Sermões: do Primeiro Domingo do Advento ao Terceiro Domingo
depois da Oitava da Epifania (vol.3)*, Santo Antônio de Pádua
13. *Sobre o culto à Santíssima Virgem na Igreja Católica*, São John Henry Newman
14. *Sermões (vol. 1)*, São Bernardo de Claraval
15. *Filoteia: introdução à vida devota*, São Francisco de Sales

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

*Sermões: do Primeira
Domingo do Advento ao
Terceiro Domingo depois
da Oitava da Epifania
vol. 3*

Tradução: Paulo Augusto da Silva (*in memoriam*)



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Sermones Sancti Antonii Patavini. Sermones Dominicales*

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*
Assistente editorial: *Cristiane Barbosa Cardoso*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Cícera Gabriela Souza Martins*
Coordenação de design: *Elisa Zuigeber*
Capa e diagramação: *Paulo Cavalcante*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pádua, Antônio de, Santo, 1195-1231
Sermões : do Primeiro Domingo do Advento ao Terceiro Domingo depois da Oitava da Epifania, vol. 3 / Antônio de Pádua ; tradução de Paulo Augusto da Silva. - São Paulo : Paulus, 2023. (Coleção Clássicos do Cristianismo)

ISBN 978-85-349-5201-9

Título original: *Sermones Sancti Antonii Patavini. Sermones Dominicales*

1. Antônio de Pádua, Santo, 1195-1231 - Sermões 2. Igreja Católica - Sermões I. Título II. Silva, Paulo Augusto da III. Série

23-4691

CDD 252

Índice para catálogo sistemático:

1. Antonio de Pádua, Santo, 1195-1231 - Sermões



Conheça o catálogo PAULUS acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 · São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5201-9

APRESENTAÇÃO

TIAGO JOSÉ RISI LEME

I. Aspectos biográficos

De nobre estirpe e batizado como Fernando, Santo Antônio nasceu em Lisboa, no ano 1195. A informação de que teria nascido no dia 15 de agosto se deve a uma tradição muito antiga.¹ Era filho de um cavaleiro do rei de Portugal, Martim Afonso Bulhão,² que teria ajudado Afonso I a expulsar os muçulmanos de Lisboa, em 1147, e sua mãe se chamava Maria.³ Recebeu sua primeira formação intelectual dos cônegos da catedral de Lisboa. Com aproximadamente quinze anos, ingressou no convento agostiniano de São Vicente, nas imediações de Lisboa, ali vivendo por aproximadamente dois anos. Em seguida, foi morar na comunidade dos cônegos agostinianos de Coimbra, então capital do reino de Portugal. Esteve ali por quase uma década, sendo ordenado sacerdote aos 25 anos de idade. Com os agostinianos, teve uma formação de excelência

¹ Cf. “La vita”, no *site* da basílica de Santo Antônio em Pádua, disponível em: <https://www.santantonio.org/it/la-vita>.

² De acordo com o importante medievalista português José Francisco Meirinhos, professor catedrático da Universidade do Porto, o sobrenome Bulhões parece ser “fantasiado”. O autor baseia-se “num dos raros testemunhos portugueses sobre Antônio”, qual seja, o breve capítulo intitulado “De beato Antonio”, inserido após o final da *Legenda Martyrum Marochi* no manuscrito 29 do fundo de Santa Cruz de Coimbra, do século XV. Trata-se de um texto que “pode ter sido redigido com base nas fontes hagiográficas ou em alguma tradição oral” e que cita o nome de batismo de Antônio como “Fernandus Martini ou Fernando Martins, ou *filho de Martinho*”. Cf. José Francisco Meirinhos. “Santo António de Lisboa, escritor. A tradição dos *Sermones*: manuscritos, edições e textos espúrios”. *MEDIAEVALIA. Textos e Estudos*, 11-12, Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, 1997, p. 140.

³ Cf. Domenico Agasso Jr. *Santo Antônio de Pádua: por onde passa, entusiasma*. Tradução de Luiz Miguel Duarte. São Paulo: Paulus, 2016, p. 13.

em teologia e filosofia patrísticas, sobretudo no pensamento de Santo Agostinho. Em 1219, conheceu os franciscanos que estavam a caminho da África, enviados pelo próprio Francisco de Assis a evangelizar os mouros. Os frades italianos tiveram de parar em Coimbra, recebendo da rainha Urraca hospedagem na ermida de Santo Antônio de Olivares.⁴ Segundo a tradição, é provável que Fernando fosse responsável pela hospedaria do mosteiro agostiniano de Santa Cruz, motivo pelo qual teria tido contato com os freis mendicantes, que costumavam bater às portas dos conventos em busca de alguma esmola ou comida. Esse primeiro encontro com os franciscanos despertou nele uma inquietação pela vida de pobreza e total dedicação ao anúncio do Evangelho e à prática de amor ao próximo. Em 1220, os freis missionários que Fernando havia conhecido foram martirizados na África, despertando enorme comoção nos portugueses, de modo que o príncipe de Portugal, irmão do rei, conseguiu providenciar junto aos mouros o traslado dos despojos mortais dos mártires, que foram abrigados na basílica real do mosteiro de Santa Cruz. Nesse momento de grande emoção, Fernando decidiu tornar-se franciscano, com a condição de também ser enviado à terra dos sarracenos e alcançar a glória do martírio.⁵ Ao vestir o rudimentar hábito franciscano, recebe o nome de Antônio, em homenagem a Santo Antônio do Egito (ca. 251-356), mais conhecido no Brasil como Santo Antão, um eremita dos primórdios do cristianismo, considerado pai do monaquismo cristão. De fato, ao assumir esse nome, Antônio de certo modo estava se dispondo a trazer consigo e assumir como parte de sua história, para o bem dos irmãos, todo um patrimônio

⁴ Cf. *idem*, p. 29.

⁵ Cf. *idem*, p. 30.

espiritual, cultural e teológico que consolidou em seus anos de vida contemplativa segundo a *Regra de Santo Agostinho*.⁶

Antônio finalmente parte para a região do atual Marrocos, mas fica impossibilitado de pregar, devido a uma misteriosa enfermidade que o obriga a fazer repouso. A doença não se esvai, ele acaba tendo de retornar a Portugal numa embarcação que ventos contrários conduzem, à deriva, até a costa da Sicília, onde se recupera depois de alguns meses. Na festa de Pentecostes do ano 1221, estará pela primeira vez diante de São Francisco, em Assis, aonde haviam ocorrido todos os frades para o capítulo geral da Ordem, no qual o *Poverello*⁷ os exortou “a mostrar ao mundo a paciência e o bom exemplo”.⁸ Em Assis, o superior da província franciscana da Emília Romanha, frei Graciano, perguntará a Antônio se é sacerdote e o convidará a acompanhá-lo. Antônio será designado à ermida de Montepaolo, nas imediações de Forli, onde a comunidade dos frades precisava de um padre que celebrasse a Eucaristia. O domínio da oratória por Antônio não é notado pelos confrades, o que acontecerá somente na ocasião de uma ordenação sacerdotal na catedral de Forli, quando seu superior o convidará a pregar sobre o ministério sacerdotal, já que os dominicanos e os franciscanos presentes não se sentiam em condições de fazê-lo. Antônio se esquivou o máximo possível de tal missão. Quando, porém, sobe ao púlpito, desperta a admiração de todos os presentes com a magnificência de sua erudição, o elevado conhecimento das Sagradas Escrituras e o fulgor de sua espiritualidade: “Aos frades da ermida

⁶ Foi de grande importância no percurso intelectual que encaminhou Santo Agostinho à adesão definitiva a Cristo o contato com a vida dos padres do deserto, notadamente a vida de Santo Antão, por meio do escrito *Vita Antonii*, atribuído a Santo Atanásio. Segundo Anne P. Carriker (autora do verbete “Antônio do Egito”, em VV.AA. *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia*, São Paulo: Paulus, 2018, p. 120-121), Agostinho teria lido a *Vita Antonii* após a conversão; contudo, “não se pode pôr em dúvida que Antônio, embora anacoreta, tenha inspirado a decisão de Agostinho de procurar a santidade num modelo monástico”.

⁷ Epíteto afetuosamente de São Francisco, que significa *Pobrezinho*.

⁸ Domenico Agasso Jr., *op. cit.*, p. 36.

parecia um padre semianalfabeto e, no entanto, mostrou elevado nível cultural e domínio de palavra e de doutrina”.⁹ Frei Graciano refere o ocorrido a frei Elias, ministro geral dos franciscanos, que, por sua vez, o dirá a São Francisco, que responderá com a célebre exclamação: “Finalmente também nós temos um bispo”, isto é, “um mestre”.¹⁰ A partir de tal reviravolta em sua vida, Antônio passaria a ser convidado a percorrer o Norte da Itália e o Sul da França a fim de pregar a Boa-nova de Jesus Cristo, exortar o clero a uma vida de maior santidade e coerência evangélica, e esclarecer as pessoas sobre a doutrina oficial da Igreja, num momento em que surgiam movimentos de caráter sectário e herético, notadamente o dos cátaros, ou albigenses.¹¹

⁹ *Idem*, p. 41.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ Os cátaros ou albigenses constituíam uma seita herética que se espalhou pela Lombardia, Itália Central, Renânia, Catalunha e Sul da França. Pregavam uma doutrina que misturava elementos cristãos com o maniqueísmo antigo. Dividiam-se em duas correntes: a dos dualistas moderados, que concebiam o diabo como uma criatura de Deus que havia se rebelado, as almas como estando isentas do Bem ou do Mal, e os dualistas absolutos (dentre os quais os albigenses), para os quais o Mal possui um princípio eterno e não admitiam a ideia de livre-arbítrio. Tinham um viés agnóstico, e organizavam-se como se fossem uma Igreja, de modo que os dirigentes do movimento se chamavam “perfeitos” ou “homens bons”. Chegaram a ter um concílio em 1167, na cidade de Saint-Félix-de-Caraman, tendo à frente um “papa” bizantino, Nicetas. Eram marcados pelo estilo de vida austero, que contrastava com a ostentação e o relaxamento de parte considerável do clero da época, o que lhes alcançou grande popularidade. Professavam um dualismo maniqueísta a partir do qual se rejeitava a matéria e o corpo como sendo do âmbito de um mal ontológico equivalentemente em oposição ao bem. Uma das implicações dessa visão de mundo era a desconfiança em relação a tudo o que fosse corpóreo, inclusive aos sacramentos. A Igreja se opôs a eles inicialmente pela pregação (com Santo Antônio, São Domingos, São Bernardo e Pedro, o Venerável, entre seus principais opositores); em seguida pela repressão, por meio de uma cruzada (1208-1244) e da Inquisição. Cf. “Cathares”, *Le Petit Robert des noms propres*, Paris: Dictionnaires Le Robert, 2006; “Albigeois”, *Le Petit Larousse Illustré*, Paris: Larousse, 2008.

Santo Antônio, ao pregar no Sul da França, combateu-os vigorosamente. Um de seus milagres mais conhecidos foi aquele da aposta de um herege, que deixaria seu burro de carga sem comida por alguns dias, declarando que acreditaria na legitimidade dos sacramentos se o burro faminto, ao ser colocado diante de um cesto repleto de feno e do ostensório contendo a Eucaristia, preferisse ajoelhar-se diante do Santíssimo Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, o que de fato ocorreu (este milagre está representado num belíssimo afresco na igreja de Nossa Senhora do Rosário, no altar de Santo Antônio, em Bragança Paulista-SP).

No final de 1223, Antônio foi convidado a dar aulas de teologia em Bolonha. Ele havia persuadido São Francisco sobre a importância de os frades estudarem teologia para que pudessem estar preparados para combater as heresias, algo que os padres seculares tinham dificuldade em fazer.¹² Tal aprovação foi escrita de próprio punho por São Francisco, numa carta que chegou até nós: “Frei Francisco a Frei Antônio, meu bispo, saudações. Apraz-me que leias a Sagrada Teologia aos frades, contanto que dentro desse estudo não extingas o espírito da santa oração e devoção, como está contido na *Regna*”.¹³

Antônio permaneceu em Bolonha por dois anos. Em 1226, foi enviado a Limoges (França) e, em 30 de maio de 1227, encontrou-se em Assis, na festa de Pentecostes, para o Capítulo geral dos Frades Menores. Foi ministro provincial da Província franciscana do Norte da Itália entre 1227 e 1230, função que o obrigava a percorrer as diversas comunidades da região. Foi nessa época que a cidade de Pádua se tornou cara a seu coração; ali ele se hospedava na pequena comunidade franciscana junto à igreja de Santa Maria *Mater Domini*.¹⁴ Serão dois breves períodos que Antônio transcorrerá em Pádua: entre 1229 e 1230, e 1230 e 1231, quando morrerá precocemente, com apenas 36 anos.

¹² Cf. Domenico Agasso Jr., *op. cit.*, p. 44. De fato, durante muitos séculos da história da Igreja, o ministério da pregação esteve reservado aos bispos, conforme se lê no livro dos Atos dos Apóstolos, na passagem relativa à instituição do ministério diaconal, que relata o momento em que os apóstolos escolheram sete diáconos para assistir as viúvas e os órfãos, de modo que os apóstolos (representados depois pelos bispos) se dedicariam à oração e ao ministério da Palavra (At 6,1-7). Foi com o papa Inocêncio III (cujo pontificado se estendeu de 1198 a 1216) que tal ofício passou também a ser exercido pelos presbíteros, sobretudo como medida de combate à heresia cátara. Cf. Glícia Campos, *Palavra de Santo Antônio: prédica, simbologia animal e pecados capitais*, São Paulo: Paulus, 2019, p. 55.

¹³ Texto citado pelo frei Fidêncio Vanboemmel, Ofm, “Carta de São Francisco a Santo Antônio”, Revista *Grande Sinal*, Instituto Teológico Franciscano, 1995. Disponível em: <<https://cffb.org.br/carta-de-sao-francisco-a-santo-antonio/>>.

¹⁴ Cf. “La vita”, *site* da basílica de Santo Antônio em Pádua. Disponível em: <<https://www.santantonio.org/it/content/1227-1231-ministro-provinciale>>.

Antônio não se dedicou apenas à pregação, mas também ao cuidado dos pobres e sofredores, como também a restabelecer a paz nas cidades por onde passava, muito marcadas por disputas familiares e políticas. No intuito de defender a dignidade dos mais pobres, convenceu o governante da cidade de Pádua, Stefano Badoer, a promulgar uma lei relativa aos devedores inadimplentes, que na época acabavam presos. A cidade vivia dominada por um sistema de agiotagem que oprimia os mais pobres. Por essa lei, datada de 17 de março de 1231, tais devedores, depois de entregarem os próprios bens, não poderiam ser levados para a prisão.

Depois da Páscoa de 1231, seu estado de saúde se agravou muito, em razão dos rigores penitenciais da Quaresma. Retirou-se então em Camposampiero, próximo a Pádua, na propriedade do conde Tiso, abrigoando-se à sombra de uma grande noqueira, onde permanecia em profunda oração e conversando com os humildes camponeses da região. Foi nessa ocasião que ele teve a visão de Jesus na forma de uma criança, fato posteriormente testemunhado pelo conde.¹⁵

Em 13 de junho de 1231, muito debilitado pela enfermidade, pediu para ser levado a Pádua, onde desejava morrer. Transportado sobre um carro de boi, acabou falecendo no caminho, numa aldeia chamada Arcella, às portas da cidade por ele tão amada. Deu seu último suspiro proferindo as seguintes palavras: “Vejo o meu Senhor”.

Foi sepultado em Pádua, na igreja de Santa Maria *Mater Domini*, que costumava ser seu refúgio espiritual. Menos de um ano depois de sua morte, a fama de santidade e os milagres testemunhados pelos que conviveram com ele foram suficientes para levar o papa Gregório IX a canonizá-lo, em 30 de maio de 1232. Em 8 de abril de 1263, seu corpo foi levado para a basílica construída em sua honra; a missa que marcou esse momento

¹⁵ *Idem.*

histórico foi celebrada por outro santo franciscano e doutor da Igreja, então ministro provincial da Ordem dos Frades Menores: São Boaventura de Bagnoregio. Em tal ocasião, descobriu-se que sua língua havia permanecido intacta, ao que São Boaventura exclamou: “Ó língua bendita, que sempre glorificaste o Senhor e levaste os outros a glorificá-lo, agora nos é permitido avaliar como foram grandes os teus méritos perante Deus!”¹⁶

Em 1946, o papa Pio XII proclamou-o doutor da Igreja, com o título de *Doctor evangelicus*.

II. Contextualização histórica dos *Sermões* de Santo Antônio

Santo Antônio redigiu seus *Sermões*, basicamente, nos últimos dez anos de sua vida, marcados sobretudo por uma intensa atividade missionária e apostólica; assim como outros pensadores e religiosos medievais, ele foi um pregador itinerante, percorrendo cidades como Messina, Assis, Bolonha, Forlívio, Montpellier, Toulouse, Le-Puy, Bourges, Arles, Vercelli, Roma, Pádua, Camposanpiero e Arcella, onde faleceu.¹⁷ Segundo Francisco da Gama Caeiro, que redigiu a biografia intelectual de Antônio, os *Sermões* foram escritos nos últimos quatro ou cinco anos de sua vida.¹⁸

A fama de santidade de Santo Antônio de certo modo deixou na sombra, para a religiosidade popular e fora dos ambientes franciscanos, sua qualidade de escritor e pensador brilhante, ainda que seus primeiros biógrafos não a tenham omitido. A tradição o considera como fundador da assim chamada “escola franciscana”,

¹⁶ João Peckham. *Legenda de Santo Antônio intitulada Benignitas*. Braga: Editorial Franciscana, 1996, p. 42.

¹⁷ Cf. José Francisco Meirinhos. “Santo Antônio de Lisboa, escritor. A tradição dos *Sermões*: manuscritos, edições e textos espúrios”. *MEDIAEVALIA. Textos e Estudos*, 11-12, Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, 1997, p. 141.

¹⁸ Cf. Francisco da Gama Caeiro, *Santo Antônio de Lisboa: Introdução ao estudo da obra Antoniana*, vol. I, Lisboa: INCM, 1995.

da qual outros grandes pensadores medievais fizeram parte, como São Boaventura, o bem-aventurado João Duns Scotus (grande precursor do dogma da Imaculada Conceição), Raimundo Lúlio, Guilherme de Ockham, Rogério Bacon e Pedro Olivi.

É importante diferenciar o Santo Antônio que pregava para as multidões do Santo Antônio autor dos *Sermões*. Segundo a tradição, ele chegava a pregar para milhares de pessoas, que podiam ouvi-lo e entendê-lo perfeitamente, fato esse que se costuma associar ao milagre de sua língua incorrupta, bem como de seu aparato vocal, prodígio evidenciado na última exumação de seus restos mortais, ocorrida em 1981. Sua pregação também foi acompanhada por milagres e prodígios, como aquele que citamos na nota 11. Alguns de seus milagres estão representados magnificamente em altos-relevos esculpidos no mármore que se encontram em sua basílica em Pádua.¹⁹

De acordo com o estudioso José Francisco Meirinhos, nos *Sermões* de Santo Antônio “faltam os traços da pregação popular que o celebrizou”, de modo que seus textos evidenciam “sobretudo um exegeta moralizador e um autor ágil e abundante em recursos literários”.²⁰ Assim, percebe-se bem nos *Sermões* um distanciamento entre o Antônio pregador e o Antônio escritor:

A obra que possuímos não é seguramente o texto dos sermões arrebatados que Antônio pregava ao povo ou aos clérigos de todas as dignidades, que acorriam a escutá-lo e que justificaram os

¹⁹ São eles: 1) “Santo Antônio recebe o hábito franciscano”, obra de Antonio Minello (concluída em 1519); 2) “O marido ciumento apunhala a mulher e Santo Antônio intercede a Cristo pelo milagre”, de Giovanni Rubino (1529) e Silvio Cosini (1537); 3) “Milagre do jovem ressuscitado”, de Cattaneo e Girolamo Campagna (1577); 4) “Milagre da jovem ressuscitada”, de Jacopo Sansovino (1562); 5) “Milagre do menino ressuscitado”, de Antonio Minello (1528); 6) “Milagre do coração do usuário”, de Tullio Lombardo (1505); 7) “Milagre do pé curado”, de Tullio Lombardo (1505); 8) “Milagre do copo que ficou intacto”, Giovanni Maria Mosca e Pietro Paolo Stella (1520), 9) “Milagre do bebê que fala”, Antonio Lombardo (1505).

²⁰ José Francisco Meirinhos, *op. cit.*, p. 142.

apodos de *arca do testamento* e *martelo dos hereges*. São, sim, o resultado de um trabalho de demorada redação, elaborada e cuidada em todos os pormenores, apesar de aqui e ali parecer que lhes falta ainda uma revisão final de autor que os harmonizasse com o método hermenêutico da quadriga enunciado no Prólogo (§ 5).²¹

Os *Sermões* foram escritos principalmente para ajudar na formação dos franciscanos. Sua função, portanto, estava circunscrita ao âmbito da Ordem à qual o santo pertencia e sua gênese, por sua vez, associada à carta que o próprio São Francisco enviou-lhe, tratando-o carinhosamente como “meu bispo”, e na qual o autorizava a ensinar teologia aos confrades, com a condição de que “por tal estudo não extingas o espírito da oração e devoção”, de modo que o estudo não diminuísse nos frades o amor pela pobreza, a humildade e o serviço aos irmãos.²² Tendo sido o primeiro na Ordem Franciscana a exercer a atividade docente, como demonstram suas primeiras biografias,²³ Antônio foi convidado pelos próprios irmãos a empreender o trabalho de redação dos *Sermões*, para auxiliá-los em seus ministérios de pregadores das Sagradas Escrituras, como se pode depreender das próprias palavras do santo no início do prefácio geral dos *Sermões dominicais*: “Fi-lo [i.e., concordar os textos compilando] com medo e pudor, porque me sentia insuficiente para tamanha e inoportável responsabilidade; venceram-me, porém, os pedidos e o amor dos confrades, que a tal empresa me compeliavam”.²⁴ O Epílogo dos *Sermões dominicais* também retrata os companheiros de profissão religiosa como

²¹ *Ibid.*, p. 143.

²² Carta de São Francisco a Santo Antônio, em São Francisco de Assis, *Escritos e biografia de São Francisco de Assis*, Petrópolis: Vozes, 2000, p. 75.

²³ *Raymundina* IX, 7; *Benignitas* XIII, 2 (citadas em José Francisco Meirinhos, *op. cit.*, p. 144).

²⁴ S. Antonii, *Sermones*, Prol. § 5, trad. de H. P. Rema, citado por José Francisco Meirinhos, *op. cit.*, p. 144.

os primeiros destinatários deste monumental sermonário: “Eia, portanto, irmãos caríssimos, eu, o mínimo de todos vós, vosso irmão e servo, para vossa consolação, edificação dos fiéis e remissão dos meus pecados, compus, como soube, esta obra dos Evangelhos pelo curso do ano”.²⁵

De acordo com uma das primeiras biografias do santo,²⁶ os *Sermões festivos* foram escritos sob encomenda do bispo de Óstia, o cardeal Rinaldo de Jenne, o que permite datá-los do derradeiro ano de vida de Antônio. Isso demonstra o prestígio de que o santo frade já gozava em vida. De fato, o conjunto dos *Sermões* constitui uma suma moral, a partir de uma leitura moralizante da Bíblia, tendo como meta a salvação dos fiéis e a conversão dos hereges. Essa suma antoniana não se estrutura como as sumas teológicas da época (divididas em questões, disputas e respostas), entre as quais podemos evocar a mais célebre e prestigiosa delas: a do frade dominicano Tomás de Aquino. A suma moral presente nos *Sermões* se constitui a partir das leituras bíblicas usadas nas missas dominicais e festivas, sendo regidas, portanto, pelo calendário litúrgico da época. Nesse sentido, “os *Sermões* são sobretudo um exercício prático da arte de pregar, estruturalmente fundado na exegese bíblica e no uso combinatório das leituras dominicais”.²⁷

III. Modo de composição dos *Sermões*

Não se pode dizer com exatidão se os *Sermões* foram escritos diretamente pela pena de Antônio ou se foram inicialmente ditados e posteriormente receberam acréscimos de citações bíblicas e de autores autorizados pela tradição de Igreja, ou se foram se constituindo a partir de anotações de seus alunos em aula.

²⁵ *Ibid.*

²⁶ *Vita prima* XI, 4, citado por J. F. Meirinhos, *op. cit.*, p. 144.

²⁷ J. F. Meirinhos, *op. cit.*, p. 145.

Não há vestígios de autografia nos manuscritos existentes.²⁸ Não obstante essa incerteza, é possível afirmar que os *Sermões* receberam uma cuidadosa revisão, “que lhes retirou todos os elementos de oralidade e improvisação”.²⁹ O produto final dos *Sermões* é formado por citações literais ou citações indiretas, cuidadosamente formuladas, o que permite inferir que o autor tinha acesso às fontes citadas. Isso coloca um problema, pois a Ordem Franciscana, em seus primórdios, não gozava de recursos materiais e, por conseguinte, dificilmente um *Studium* franciscano daquela época teria uma rica biblioteca à disposição, o que permite conjecturar que Santo Antônio tivesse uma memória extraordinária e que trouxesse consigo as leituras realizadas em seu tempo de formação em Coimbra. De qualquer maneira, não se sabe com exatidão a que ponto e de que modo Antônio atuou no processo de revisão final do texto, completando as referências, por exemplo, ou revisando as citações, uma vez que, enquanto intelectual medieval, “depende sobretudo de copistas ‘funcionários’ (secretários ou discípulos) que estabelecem a mediação entre o ditado ou os esboços de texto lançados em suportes perecíveis (dejetos de pergaminho, tábuas de cera, etc.) e o texto final, copiado segundo uma ordenação e paginação cuidadas, depois da revisão e incorporações de anotações do próprio autor, sempre que essas ocorressem”.³⁰ Segundo B. Pagnin, que estudou o famoso códice do Tesouro, conservado como

²⁸ Chegaram até nós dezoito manuscritos diferentes dos *Sermões*, do século XIII ao século XV, como também cinco fragmentos; quinze manuscritos, porém, se perderam. J. F. Meirinhos (*op. cit.*, p. 154-159) refere a localização de cada um deles, a maior parte dos quais se encontra na Itália. O uso dado aos manuscritos esteve ligado ao ensino teológico ministrado pela Ordem Franciscana, de modo que “procedem, na sua quase totalidade, de conventos ou igrejas franciscanos, ou de igrejas a eles associadas, onde seriam, desde o século XIII, usados como instrumento de aprendizagem da arte de pregar e menos pelo seu conteúdo exegético e teológico, para além do seu valor cultural enquanto relíquias do santo” (*ibid.*, p. 165).

²⁹ J. F. Meirinhos, *op. cit.*, p. 150.

³⁰ *Ibid.*, p. 150.